

Telma Guimarães Castro Andrade



Suplemento do professor



Um caminho para a inclusão



Introdução

A educação inclusiva ainda é uma barreira para muitos, mas pode e deve ser o caminho para a construção de uma sociedade que ofereça efetivamente oportunidades iguais para todos. Desta forma, apresenta-se um suporte para que o professor realize um trabalho voltado à mudança de comportamentos e atitudes.

Uma pessoa com necessidades especiais é aquela que apresenta um desvio temporário ou permanente, para mais ou para menos, nos aspectos sensoriais, motores ou cognitivos, em relação à média de sua faixa etária.

Nos últimos anos uma enorme quantidade de estudos tem sido desenvolvida e cada vez mais acentua-se a ideia de que, em um grupo inclusivo, as crianças não deficientes não têm preconceito, mas medo e angústia frente ao desconhecido, e por isso necessitam de um trabalho de suporte para a inclusão.

A forma como as crianças de diferentes faixas etárias encaram seus companheiros com deficiência varia entre ações que podem expressar desde a caridade, a curiosidade, até a reflexão sobre os problemas enfrentados por essas pessoas numa sociedade competitiva, que reforça a perfeição através de padrões de beleza física. Por isso, faz-se necessário um trabalho que proporcione às crianças não deficientes uma vivência de experiências em que possam se colocar no lugar de seu amigo, para que percebam não só as dificuldades que este enfrenta, mas também suas tantas aptidões e como nele se aguçam outras percepções. O trabalho inclusivo deve passar por vivências de alteridade para transformar posturas, indo além da informação.

Por que incluir?

Veja alguns dos benefícios que a educação inclusiva proporciona, uma vez que toda comunidade escolar:

- ◆ aprende a lidar melhor e gostar da diversidade – conviver;
- ◆ adquire experiência direta com a variedade das capacidades humanas;
- ◆ perde o medo e o preconceito em relação ao diferente, desenvolvendo a tolerância e a cooperação;
- ◆ conscientiza-se de que as pessoas com necessidades especiais são diferentes, mas não inferiores;
- ◆ assimila que as pessoas, as famílias e os espaços sociais não são homogêneos e que as diferenças são enriquecedoras para o ser humano.

Todos ganham com uma escola inclusiva!

Fique por dentro

Não é apenas uma questão de utilizarmos o termo mais adequado, serve também para utilizarmos uma terminologia destituída de preconceitos ou estereótipos.

ASSIM NÃO!	MELHOR ASSIM....
aleijado, defeituoso, inválido	peessoas com deficiência
ceguinho, cegueta, zarolho	cego, pessoa cega ou com deficiência visual
criança excepcional; com retardo mental; deficiente/doente mental	criança com deficiência intelectual
defeituoso físico	pessoa com deficiência física
Linguagem de sinais	Língua Brasileira de Sinais (Libras)
mongoloide, mongol, retardado	pessoa com Síndrome de Down
mudinho	pessoa com distúrbio / deficiência da fala
surdinho	surdo, pessoa surda ou com deficiência auditiva
visão subnormal	baixa visão

Falando com quem sabe do assunto

Entrevista com Fabiane Ribeiro Spinetti – arte-educadora

◆ Conte um pouco como foram os seus anos de estudo até hoje

Os primeiros anos foram em uma escola de freiras especializada para surdos em São Paulo. Meus pais moravam em Minas, assim fui interna dos cinco aos nove anos, quando então, meus pais vieram para São Paulo. Foram anos difíceis, tanto em relação à aprendizagem quanto em relação à vida. Após a chegada da minha família, passei a frequentar outra escola

normal e paga. Infelizmente, por razões financeiras, passei à escola pública. Por lei, temos esse direito. Porém, como não conseguia acompanhar a classe e a professora ficava muito angustiada comigo, a direção da escola, sem discutir a questão com meus pais, pediu que me retirasse, pois não era possível me ajudar. Meus pais, que nunca se deram por vencidos, foram até a Delegacia de Ensino e retornei à sala de aula na mesma semana. Senti-me muito pior e muito mais diferente. Durante estes anos em escola pública,

minha mãe, que nunca desiste, encontrou uma escola para surdos chamada *Derdic*. Mas, ao fazer o teste, e devido ao meu mais “desaprendizado” do que “aprendizado”, entenderam que, mesmo terminando o antigo “ginasial”, teria de voltar ao 4º ano. Voltei, e foi muito complicado. Não foram anos fáceis. Era chamada de burra com frequência. Terminei o ginasial e retornei à escola pública, com medo de ser convidada a me retirar novamente. Terminei meus estudos! Não sei se posso chamar o que fiz de estudo, pois, para não terem muito trabalho, muitas vezes os professores me passavam. Não porque eu soubesse as matérias, e sim porque decorava as coisas ou para evitarem estar comigo mais um ano em sala de aula. Depois disso, passei a fazer cursos de artes e trabalhos manuais. Comecei a trabalhar e resolvi fazer faculdade de educação artística. Sabia que não seria nada fácil. Foram mais quatro anos de muita dificuldade. Com relação aos amigos, posso dizer que me ajudaram – e muito –, mas diversos professores, principalmente nos dois primeiros anos, basicamente teóricos, não se importavam muito com a minha deficiência, insistiam, apesar de meus inúmeros pedidos, em falar de costas, impossibilitando a leitura labial, ou de cabeça baixa, e, muitas vezes, fiquei com faltas, já que não respondia à chamada. Mas, felizmente, nos dois últimos anos, as aulas eram

mais práticas e pude mostrar que minhas habilidades eram suficientes. Recentemente, formada, com diploma, indagada sobre um artista ou um período da arte no mundo, não soube discorrer sobre temas óbvios, para quem é da área. Hoje, penso em fazer pós-graduação, rezando, torcendo, brigando para que haja intérprete de sinais, já que este é um dos direitos legais – Lei oficial da LIBRAS – nº 10.436, de 24 de abril de 2002. E por que não?

◆ **Quais as maiores dificuldades que você teve de enfrentar para estudar?**

Uma das maiores foi com os dirigentes e professores, que não entendiam minha dificuldade. Essa falta de entendimento e o medo de lidar com algo que não se domina refletiram na ação dos meus amigos de sala, que muitas vezes também não sabiam como me tratar. Um exemplo disso é o som que pessoas surdas emitem. Como não ouvimos, não conseguimos controlar nosso som, que muitas vezes sai alto demais, ou de forma muito grosseira, gerando situações chatas e nos fazendo sentir muitas vezes ridicularizados. Na escola, este tipo de situação fica potencializada.

◆ **Você contou com apoio de quem? Como foi esse apoio?**

Meus pais em primeiro lugar. Se eles não acreditassem que seria possí-

vel, se desistissem, não lutassem, não teria acontecido. Em seguida os irmãos e tios. Cada um, de uma forma diferente, pôde contribuir para que eu pudesse estudar. Alguns professores e colegas, principalmente das escolas especializadas para surdos, colaboraram bastante. Com relação à escola pública, infelizmente, não recorro de nenhuma pessoa que tenha marcado minha trajetória de forma positiva.

◆ **Acredita que as condições hoje estão diferentes?**

Não conseguiria responder com relação à escola pública ou à escola para crianças “normais”. Afirmo que na escola em que dou aula de educação artística para crianças surdas tanto os professores surdos quanto os professores ouvintes têm um respeito muito grande com a limitação das crianças, tentando sempre que possível estar atento às suas dificuldades. Atualmente, entendemos que é importante as crianças começarem a se comunicar pela língua de sinais. Verificamos, pela prática, que têm desenvolvido mais a criatividade e a amplitude na comunicação. Obrigatoriamente, os pais aprendem a língua de sinais, para poderem se comunicar com as crianças em casa. Bem diferente da minha época de alfabetização, quando comecei a aprender a linguagem oral. A língua de sinais era proibida nas escolas especializadas, e

nas escolas públicas nem sequer imaginavam o que era. Hoje, percebo que as crianças que aprendem com língua de sinais são mais atentas e criativas, entendem as histórias, contam as suas, são soldados, super-homens, princesas etc. e mostram isso de forma clara através dos sinais. Não me lembro de nenhuma história infantil que eu tenha aprendido na infância. Aliás, fui saber quem era Chapeuzinho Vermelho quando tinha 35 anos! Aprendi juntamente com as crianças para as quais dou aulas e através da língua de sinais.

◆ **Quais dicas daria a um professor que tem alunos com necessidades especiais em sua sala?**

Entendo que ter alunos com necessidades especiais juntamente com alunos “normais” é tarefa muito difícil. De qualquer forma, apesar de considerar todas as dificuldades, entendo ser de imprescindível importância que as pessoas envolvidas neste processo (direção, professores, alunos, faxineiros, bedel...) saibam o que são necessidades especiais e como agir em relação a isso. Sugiro que se faça o exercício simples da alteridade, ou seja, colocar-se no lugar do outro e desenvolver, assim, uma sensibilidade maior para poder ajudá-los a crescer, não somente na vida escolar, que é importantíssima, mas também como seres humanos capazes e cidadãos.

Projetos interdisciplinares

◆ 1. O audiolivro

Cada um dos livros é acompanhado de um CD que apresenta a história contada na íntegra, recheada de efeitos sonoros, que vão além da simples narração. Esse recurso visa num primeiro momento às pessoas com necessidades especiais; pessoas com deficiências cognitivas, para as quais ouvir é mais acessível que ler; pessoas tetraplégicas que não conseguem virar sozinhas as páginas de um livro; só para citar alguns exemplos que não se restringem às pessoas totalmente cegas. Além da narração da história, o CD traz canções populares relacionadas ao tema da obra e duas músicas inéditas: uma tema do livro e outra tema do Projeto Compartilhar. As letras das canções inéditas encontram-se na contracapa da obra. O audiolivro também pode ser riquíssimo para as pessoas não deficientes. Você poderá aguçar a curiosidade de seu aluno e também desenvolver sua imaginação e criatividade. Sugerimos algumas atividades:

- a. Antes de os alunos lerem o livro, coloque o CD e deixe que conheçam a história. Pergunte-lhes se é mais fácil acompanhar os acontecimentos lendo ou ouvindo. Aos não deficientes, proponha uma reflexão sobre as dificuldades que um deficiente pode ter para elaborar as imagens propostas pelas histórias e, se você tiver alunos que apresentem deficiências visuais, peça que eles expliquem como elaboram essas imagens.
- b. Depois de ouvida a história, componha algumas ilustrações para que os alunos possam compará-las às feitas pelos ilustradores dos livros. Nesse momento utilize várias técnicas: lápis coloridos, ilustrações em alto-relevo usando massinha, barbante, lã, retalhos de tecido, papel, lixa, enfim, diferentes texturas.
- c. Proponha que os alunos criem uma novela de rádio aproveitando a mesma história ou criando outras que enfoquem os temas dos livros. Para apresentá-la aos colegas, os alunos poderão ficar atrás de um biombo, ocultos dos companheiros, que deverão escutar apenas a narração e os sons sugeridos pelo texto. O que vale é a emoção passada através da leitura dos alunos!

Professor, este material é excelente para poder explicar às crianças a estrutura da narrativa, por exemplo, se é em primeira pessoa ou terceira, quem é o narrador!

◆ 2. Propostas para trabalhar a obra

- a) Conversando sobre o livro:** Converse com a turma para saber se há algum aluno que se identifica com o personagem do livro. Muitos transtornos psiquiátricos, como o déficit de atenção, são descobertos no início da fase escolar. É mais fácil para o professor compreender o aluno quando conhece suas dificuldades. Caso ache necessário, converse com o coordenador para que ele oriente os pais a procurar ajuda médica.
- b) Agenda do mês:** A elaboração de uma agenda das atividades que serão feitas na escola durante o mês desenvolve a organização dos alunos e facilita o trabalho do professor. Faça um painel do mês deixando um espaço em cada dia. Junto com os alunos, marque os dias indicando feriados, sábados e domingos. A agenda deve ser preenchida diariamente com as atividades que serão feitas no dia seguinte.
- c) Aniversários dos familiares:** Peça aos alunos uma pesquisa com avós e pais para saber a data de nascimento de cada um. Na mesma pesquisa, cada entrevistado deve relatar uma história, brincadeira, música ou lenda que fez parte da sua infância. Isso aproximará a família e permitirá que vocês conversem sobre as mudanças que ocorreram entre as gerações, além de favorecer o resgate de antigas brincadeiras que podem ser inseridas na recreação das crianças.
- d) Painel com o aniversário dos alunos:** Faça um painel com o nome e a data de nascimento das crianças. No dia do aniversário de cada um, os colegas deverão preparar um cartão para o aniversariante. Com o painel, a turma ficará sabendo o dia do aniversário dos colegas e isso os aproximará, propiciando uma maior socialização entre as crianças.
- e) Lembretes:** Assim como a mãe de Vítor, a professora pode fazer alguns lembretes para colocar na sala de aula, no pátio e nos banheiros da escola. Sempre que possível, eles podem vir acompanhados de figuras, para ficarem mais lúdicos. Exemplos para a sala de aula: Lugar de lixo é no lixo; Mantenha sua carteira limpa e organizada; Não grite! Exemplos para o pátio ou o banheiro: Feche a torneira depois de usar; Dê descarga; Jogue o papel no lixo. Os lembretes podem também ser feitos com frases mais criativas, engraçadas ou com apelos relativos ao meio ambiente. Se na sua escola houver latas para lixo reciclável, ensine aos alunos em que lata vai cada tipo de lixo colocando os respectivos nomes em cada uma: papel, metal, vidro e plástico.

Uma última palavra

Se a escola procura formar cidadãos que construam uma sociedade igualitária, é necessário mostrar aos alunos que somos diferentes e todos temos dificuldades que são geradas por nossas próprias características, além de conscientizá-los de que pessoas com deficiências são uma parte essencial da humanidade, e não são seres anormais.

Para tanto, as medidas devem ser, antes de mais nada, inclusivas, e não apenas integradoras. Devem ir além da mera adequação ou adaptação dos espaços físicos, pois o fato de as pessoas deficientes terem acesso a eles não basta para que elas sejam realmente incluídas na sociedade.

Navegando... Na rede

www.educacaoonline.pro.br

www.conteudoescola.com.br/site/content/view/68/51

www.dicionariolibras.com.br

<http://bve.cibec.inep.gov.br>

...Nas letras

Apelido não tem cola, Regina Rennó e Regina Otero, Editora do Brasil.

Ninguém é igual a ninguém, Regina Rennó e Regina Otero, Editora do Brasil.

O menino que tinha rabo de cachorro, Maurício Veneza, Editora do Brasil.

...Na telinha

A Bela e a Fera, EUA, 1991, direção de Gary Trousdale e Kirk Wise.

O Corcunda de Notre Dame, EUA, 1996, direção de Gary Trousdale e Kirk Wise.

Doutores da Alegria, Brasil, 2005, direção de Maura Mourão.

Meu pé esquerdo, Irlanda, 1989, direção de Jim Sheridan.

Uma lição de amor, EUA, 2002, direção de Jessie Nelson.

Gênio Indomável, EUA, 1997, direção de Gus Van Sant.

Forrest Gump, EUA, 1994, direção de Robert Zemeckis.

Dançando no escuro, Dinamarca/ Alemanha/ Holanda/ EUA/ Reino Unido/ França/ Suécia/ Finlândia/ Islândia/ Noruega, 2000, direção de Lars von Trier.

Respostas do suplemento de atividades

2. Feliz aniversário; salgados na mesa; copo a mais; vela do bolo; bexiga verde no chão; cor da caixa que a menina segura; olhos da boia. 3. Bola (brinquedo), lancheira, mochila.